

OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE**A corrupção existe**

Os cidadãos são parte importante da luta. Qualquer futura estratégia global não pode esquecer-se de os incluir como componente da solução...



José António Moreira

A Comissão Europeia divulgou recentemente um relatório sobre o estado da corrupção na União Europeia [COM(2014) 38]. Merece ser lido e pensado. No que respeita ao caso português, saliento três dos seus principais resultados.

1. PERCEÇÃO DOS INQUIRIDOS...

“Para 90% destes [76% no conjunto da UE], a corrupção era um problema generalizado no país; segundo 72%, tal problema tinha-se agravado nos últimos três anos; 36% consideravam que eram afectados no seu dia-a-dia pela corrupção [26% na UE].”

Em minha opinião, estes assustadores resultados, em termos absolutos e relativos, podem estar de algum modo amplificadas pelo estado anímico da população portuguesa à data do inquérito (2013), revolta contra o “sistema” e imersa num contexto económico, financeiro e social deveras exigente por via da aplicação das denominadas políticas de austeridade. O que a seguir se refere parece corroborar esta interpretação, embora não elida a gravidade dos dados acabados de referir.

2. CONTACTO DIRECTO...

“Quando questionados sobre se tinham contactado directamente com o ‘pequeno suborno’, menos de 1% dos inquiridos afirmaram ter tido tal contacto [4% na UE]. E no caso mais genérico de terem tido contacto ou testemunhado situações de corrupção, também a posição portuguesa é mais favorável do que a média da UE.”

Julgo que este resultado favorável pode estar parcialmente relacionado com o crescente nível de informatização dos serviços públicos – grandes desenvolvimentos têm vindo a ser feitos nesse domínio –, que tende a condicionar a parte passiva da corrupção (o funcionário público) quanto à possibilidade de proporcionar um trata-

mento diferenciado ao contribuinte/utente, reduzindo o espaço para a existência do suborno.

3. IMPACTO NOS NEGÓCIOS...

“Para 68% das empresas, a corrupção era um obstáculo ao normal desenvolvimento dos negócios no país [43% na UE]; 79% dos inquiridos responderam que o suborno e o uso de ligações são o caminho mais simples para obter determinados serviços públicos [69% na UE], sendo para 76% (referida como a mais elevada percentagem entre os países da UE, que tem média de 47%) o único modo de ter sucesso nos negócios o recurso a ligações políticas.”

Este quadro negro, de que merece saliência o papel atribuído às ligações políticas, tende a ser diferenciado por tipo de empresa, referindo o relatório que quanto menor a dimensão desta, tanto mais ela é negativamente afectada nos negócios pela corrupção e nepotismo.

O retrato sintético que se apresentou não é animador quando aferido em termos absolutos e relativamente às médias da UE. Mais preocupantes ainda são as conclusões do estudo de que, embo-

ra Portugal tenha vindo a implementar medidas de combate à corrupção, nomeadamente de natureza legislativa, o país “não possui uma estratégia global” para travar esse combate. Não menos grave, refere o relatório, a obtenção de “efectivas condenações de casos de corrupção de alto nível tem permanecido um desafio que o país não tem conseguido ultrapassar”, isto é, muitos dos processos levados a tribunal acabam sem uma condenação.

Os cidadãos são parte importante da luta. Qualquer futura estratégia global não pode esquecer-se de os incluir como componente da solução, o que implicará ter de considerar medidas de apoio àqueles que denunciem casos de corrupção. Não se pode conceber que um cidadão que ouse denunciar um caso tenha de arcar com os eventuais custos financeiros daí resultantes. Já lhe bastará suportar os custos pessoais associados.

Escreve à sexta-feira



A percepção da corrupção na Europa

SESSÕES CONTINUAS

LAURO ANTÓNIO

Nem formosos nem seguros

O que se passa presentemente no Partido Socialista deixa-me um pouco perplexo. Por um lado, eu que (quase) sempre votei PS, sem nunca ter sido militante, tinha jurado a mim mesmo que não mais colocaria a cruzinha nesta mão fechada com o rosto de António José Seguro. Não que tenha algo contra o homem, pelo contrário. Parece boa pessoa. Mas não para aquele cargo.

Por outro lado, António Costa inspira-me (alguma) confiança (tem feito um bom trabalho em Lisboa!) e o país necessita urgentemente de respostas diferentes para a crise que atravessa. Mas quais são essas respostas, para lá do floreado das palavras mais ou menos bem-intencionadas?

Mas, depois, há duas questões concomitantes (gosto desta palavra!) em relação a este enredo em que nos encontramos que me levam muitas dúvidas. A partir de agora, qualquer secretário-geral de um partido pode ser posto em causa a meio de um mandato por alguém que, dentro de casa, discorda da sua acção? Então para que servem as eleições em congresso?

Segunda questão: a ideia peregrina de eleições primárias no PS, abertas a não militantes, mas a simpatizantes e a quem se dispoña a assinar uma declaração afirmando que concorda com as ideias programáticas do partido, cheira-me a tralfulhice da grossa. Há quem diga que é abrir o partido à sociedade. Duvido muito. Já pensaram em eleições no Sporting abertas a sócios e simpatizantes? Quantos benfiquistas e portistas encapotados não iriam lá votar no “seu” candidato, que seria precisamente aquele que mais rapidamente levaria o clube à falência?

Pois os tempos não vão “nem formosos nem seguros” para o PS. Nem para o país.

Escreve à sexta-feira